

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS ACADÊMICOS NO CURSO DE HISTÓRIA DA UFPI/CSHNB-PICOS ACERCA DAS PERCEPÇÕES HISTÓRICAS E REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIAIS

HISTORICAL CONSCIOUSNESS OF STUDENTS IN THE HISTORY COURSE AT UFPI/CSHNB-PICOS ABOUT HISTORICAL PERCEPTIONS AND RELIGIOUS AND SOCIAL REPRESENTATIONS

Roberta Aurení da Silva

Graduada em Licenciatura Plena em História-UFPI. Especializando em História do Brasil-CEAD-UFPI. E-mail: robertaaureni88@gmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende investigar as percepções dos estudantes de História a partir do diálogo entre teoria e consciência histórica dos graduandos ingressos e egressos do curso de Licenciatura Plena em História da UFPI-PICOS, entre os anos de 2022.1 a 2023.1, momento em que as atividades nas universidades voltam ao normal, pós-pandemia. O objetivo do estudo consiste em compreender os níveis de consciência histórica entre discentes do primeiro e último período. Dessa forma, trabalharemos com História Oral, utilizando como fonte entrevistas semiestruturadas, que visam explorar as relações que os alunos estabelecem entre História e experiências religiosas. Assim, tencionamos estudar em que medida as perspectivas históricas e teológicas interagem na formação do historiador. Reiteramos que observaremos os planos de ensino (ementa do curso), em caráter complementar, bem como os conceitos de consciência histórica a partir de Jorn Rüsen, Luis Fernando Cerri e Agnes Heller; memória, embasados nas obras de Jacy Alves Seixas e Enzo Travesso. Embasados nas considerações desses autores, analisaremos o ponto de vista dos discentes entrevistados, bem como estes lidam para orientarem-se no tempo e pespectivarem seu futuro.

Palavra-Chave: Consciência Histórica, Memória e representações religiosas e sociais.

Abstract: This project aims to investigate the perceptions of History students based on the dialogue between theory and historical awareness of undergraduate entering and leaving the Full Degree in History course at UFPI-PICOS, between the years 2022.1 to 2023.1, a moment in which the activities at universities they return to normal, post-pandemic. The object of study consists of understanding the levels of historical consciousness among students from the first and last periods. In this way, we will work with Oral History, using semi-structured interviews as a source, which aim to explore the relationships that students establish between History and religious experiences. Thus, we intend to study the extent to which historical and theological perspectives interact in the formation of the historian. We reiterate that we will observe the teaching plans (course syllabus), in a complementary manner, as well as the concepts of historical awareness from Jorn Rüsen, Luis Fernando Cerri and Agnes Heller; memory, based on the works of Jacy Alves Seixas and Enzo Travesso. Based on the considerations of these authors, we will analyze the point of view of the interviewed students, as well as how they deal with orienting themselves in time and considering their future.

Keyword: Historical Consciousness, Memory and religious and social representations.

INTRODUÇÃO

O trabalho investiga as percepções dos estudantes do curso de Licenciatura Plena em História da UFPI-PICOS, a partir do diálogo e as teorias da consciência histórica e das representações religiosas e sociais na formação docente e, conseqüentemente, na pesquisa bibliográfica. O problema que nos instiga a iniciar esta pesquisa parte do prosseguimento do TCC apresentado na graduação, onde, ao pesquisar várias monografias para a realização do referido trabalho, percebemos que os temas mais recorrentes ao nosso objeto de estudo estavam voltados à representação social e religiosidade. Tal descoberta nos motivou a pesquisar sobre a consciência histórica dos discentes deste curso, levando-nos à seguinte indagação: de que forma a consciência histórica e as relações religiosas impactam na formação do historiador?

O presente trabalho concentra-se em um material bibliográfico e entrevista estruturada ou formulário com os discentes do 1º e 9º períodos do curso de História da UFPI/CSHNB-PICOS, com o objetivo de pesquisar os níveis de consciência histórica dos graduandos, com ênfase na presença de componentes religiosos nos materiais analisados. Neste trabalho, discutiremos a constituição da consciência histórica, focando nos conhecimentos históricos em relação às concepções religiosas expostas nos diálogos dos alunos. Utilizaremos como fundamentação teórica os conceitos de consciência histórica de Jorn Rüsen, Luis Fernando Cerri e Agnes Heller; memória, a partir das obras de Jacy Alves Seixas e Enzo Travesso.

De acordo com Cerri, as evidências da consciência histórica assentam-se no seguinte pressuposto: se a consciência histórica se expressa em narrativas (RÜSEN, 2007, 2009, 2014), é plausível que, ao responder uma questão (mesmo que fechada de um questionário), o sujeito busque referências de narrativas conhecidas para expressar sua opinião. Segundo Cerri (2014, p. 183), quando o sujeito pesquisado decide, diante de uma história, e escolhe uma das alternativas apresentadas, ele permite que o observador entreveja o exato momento em que a orientação temporal da consciência histórica atua, estabelecendo o elo dinâmico entre o passado que experienciou e o futuro que projeta, na ação escolhida.

Nesse sentido, ponderamos que a consciência histórica é uma forma específica de memória histórica, na interpretação de narrativas e experiências de vida, na percepção e orientação temporal, bem como de pertencimento a um coletivo no qual o sujeito busca elementos para argumentar ou atribuir a uma pergunta feita. O discurso sobre a consciência histórica e a formação de sentido histórico inclui, necessariamente, pensar nos modos de representação que dão ao passado a forma distintiva de história (RÜSEN, 2009, p. 168), como no interrelacionamento do passado, presente e futuro contido nessa mesma representação. A relação temporal é sempre mediada quando se trata de consciência histórica, pois significa a compreensão da experiência do tempo para a interpretação do presente e a orientação para o futuro.¹

RÜSEN elucida que na “teoria da história como ciência”, a reflexão se torna um pouco mais complexa quando se considera a incompatibilidade do modelo empírico da história em oposição ao modelo das ciências exatas, por exemplo. Por esse motivo, refletir sobre a teoria da História é, para o autor, refletir sobre o processo de interpretação da História em suas dimen-

1. CERRI, Luis Fernando. (org). Os jovens e a História: Brasil e América do sul. Ponta Grossa: Ed UEPG, 2018;

sões disciplinar (como ciência especializada), interdisciplinar (na relação com outras disciplinas científicas) ou transdisciplinar (na relação do seu saber específico com a vida prática).

Portanto, a necessidade humana de interpretar o tempo, o pensamento, fundamenta-se na teoria de RÜSEN, em um conjunto de operações (experiência, interpretação, orientação e motivações) que precisam ser conectadas e inseridas em uma lógica narrativa de apresentação para estruturar o pensamento e conferir sentido aos eventos históricos. Posto isso, o autor define a História como “uma conexão narrativa, possui sentidos e significado para a orientação da vida prática atual”. Partindo desse pressuposto, essas definições nos fazem perceber que a História se relaciona com diferentes costumes da sociedade, dada a importância de compreender seu processo de operação concreta, ou seja, como a História é produzida. Dessa forma, a estrutura comunicativa do pensamento histórico e de diferentes níveis de constituição de sentido apontam para a nossa falta de domínio sobre elementos prévios que conferem significado ao passado.

CONSCIÊNCIA E NARRATIVAS HISTÓRICAS

Partindo da premissa a apresentação histórica (tópica) a interpretação é verificada a partir das especificidades narrativas que ordenam o campo historiográfico. Nela, seu esquema de ordenação é definido por uma tipologia que “resume a multiplicidade das apresentações historiográficas em algumas formas básicas”. Consideradas “tipos ideais”, estas narrativas possuem elementos argumentativos que evidenciam o caráter científico da História. Ainda que atribuam diferentes sentidos, é “uno e duradouro”, exemplar, podendo ser sintetizado na máxima “história mestra da vida”; crítico, cujo sentido é a negação de orientações prévias; e genético, cujo sentido é adquirido na mudança, permitindo que o passado seja conectado a diferentes formas de viver.²

Por outro lado, Rüsen não descarta os fatores subjetivos que fundamentam a cultura histórica e, conseqüentemente, influenciam na produção historiográfica, bem como na construção da consciência histórica³. Por meio dos aspectos cognitivo, estético, político, moral e religioso é possível satisfazer carências de orientação da vida prática, em que o passado “presentificado” pode ser visto como um produto de embates entre memória pessoal e coletiva. Logo, o historiador percebe uma “rede complexa de relações” cuja marca é a “contraposição e interdependência” de sentidos que podem conduzir a uma “consciência falsa da realidade”⁴

Todavia, sabemos que a ciência da História é responsável pelo controle de plausibilidade do saber que produz; contudo, requer a atenção a um tipo de ideologia baseada nos critérios da razão prática ou critérios humanísticos, os quais se constituem “a partir da estrutura formal de uma interpretação do mundo abrangente, usualmente articulada com a pretensão de cientificidade”.

2. RÜSEN, J. EL desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Propuesta educativa, Buenos Aires, n. 7, p. 27-36, 1992.

3. CERRI, Fernando; HELLER, Agnes. “Os conceitos de Consciência Histórica e os Desafios da Didática da História. Revista de história Regional 6(2):93-112, Inverno 2001.

4. RÜSEN, Jörn. Teoria da história: uma teoria da histórica como ciência. Tradução de estevão C. De Rezende Martins. Curitiba: editora UFPR, 2015.

A consciência histórica, para Agnes Heller (2001), é inerente à existência humana. Em seu discurso, a autora ressalta que a nossa experiência cotidiana é pertencente a sua própria historicidade vigente, por meio da precisão da modificação e a revisão de identidades. Conforme o pensamento de Heller⁵, a construção de nossa identidade é intrínseca às nossas vivências, ou seja, é um componente da própria consciência, no sentido geral de saber-se estando no mundo, na forma de existir, qual o nosso propósito e a referência temporal. São essas nomeclaturas que vão dando performance à consciência histórica.

Alves Seixas, em sua linha de pesquisa, busca refletir sobre o momento e os tempos da memória (nem sempre redutíveis ao(s) tempo(s) da História), sobre o caráter de descontinuidade que a singulariza e sobre a função aí inscrita de atualização das experiências outrora vividas. Para Seixas (2002, p.48), devemos entender as dimensões temporais passado-presente-futuro em sua dinâmica fluida, considerando que essas dimensões da temporalidade humana não se detêm, não se singularizam, não há espaço entre elas; o que chamamos presente, já é passado. Portanto, as dimensões temporais se sobrepõem, encavalcando-se linearmente, numa sucessão sem fim, revelando o caráter intrinsecamente projetivo da memória.

Desse modo, escreve Bergson, o que a consciência chama “meu presente” é, ao mesmo tempo, “uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato”. Em análise do texto, compreendemos que a memória renova o presente e que se conduz do passado, em orientação ao futuro. Portanto, o tempo da memória está intimamente ligado entre o passado, presente e futuro. O autor aponta que a memória se pressupõe-se e entrelaça-se, formando o magma que movimenta, juntamente com a consciência, a espiral do tempo.

Segundo Jacy, o tempo vivido que a memória busca resgatar ou “ressuscitar” apresenta-se inicialmente, e não apenas para Proust ou Bergson, como um tempo perdido. Quem não experimentou, com mais ou menos angústia, o sentimento de fatias de vida e de experiências compartilhadas que se esvaem perdidas nas brumas espessas do esquecimento. O “não lembro mais, isto tudo está perdido”-expressão tão conhecida de cada um de nós e que os pesquisadores da História oral buscam garimpar” (p. 50).

A memória, portanto, constrói o real, muito mais do que o resgata. Há um Proust à noção de uma otimista memória construtivista. A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares e os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros) mais do que recuperando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando o passado e o presente, a memória, valendo-se das faculdades da imaginação, recria o real. Nesse sentido, é a própria realidade que se (trans)forma na (e pela) memória. O tempo perdido reencontrado (no sentido de retomado, de um tempo que começa de novo, e não do eterno retorno do mesmo) não se refere apenas ao passado, mas também ao futuro.

De acordo com Enzo Travesso (2014), História e memória nasce de uma mesma preocupação e partilham o mesmo objeto: a elaboração do passado. Em vista disso, mantendo diálogo com Paul Ricœur, Travesso ressalta que a História é um relato, uma escrita do passado, segundo as modalidades e as regras de um ofício, que tenta responder às questões suscitadas pela memória. A História nasce da memória, mas liberta-se dela ao colocar o passado à distância, fazendo

5. Jacy Alves Seixas, *Alves Munis-escrita da história-inscrições de memória*-ed.2013 UFU.

da memória um dos seus domínios de investigação. Entretanto, o historiador, ao escrever a História, também lida com as condições de seu contexto social, cultural e nacional, além de trabalhar com a subjetividade presente em suas recordações, escolhas e posicionamentos, contanto que ele não deixe que suas experiências se sobreponham frente à investigação histórica.

Em conformidade com Travesso (2014,p.2), no passado, modos de usar a relação entre História e memória reconfiguram-se na utilização desta última como sinônimo de História e sua utilização do passado com o objetivo de “fazer a memória” no tempo presente, formando o que Travesso denominou de “turismo da memória”, que é construído a partir das transformações sociais e da utilização dos espaços sociais em lugares históricos como, por exemplo, os museus. Como enfatiza o autor, essas dinâmicas são promovidas junto ao poder público através de estratégias publicitárias dirigidas.

Em expressão, Enzo questiona de onde vem a obsessão memorial. Partindo desse trecho, pontuamos que essa construção memorial decorre da cultura, da qual vivenciamos os aprendizados que são transmitidos e que são demarcados de geração para geração. Para entendermos de maneira clara sobre esse memorial, é necessário investigarmos as edificações projetadas no tempo e espaço. Nessa linha de pensamento, para melhor explorar esta questão, Travesso dialoga com Walter Benjamin, que propõe a distinção entre a “experiência vivida”, que se perpetua de uma geração para outra, forjando as identidades dos grupos, sociedades em longo tempo, e a “experiência transmitida”, uma experiência individual, frágil, volátil e efêmera.

Perante o exposto, para Benjamin, a modernidade caracteriza-se pelo declínio, marcado simbolicamente pelo início da Primeira Guerra Mundial. Este momento “arrancou” muitas pessoas, dentre elas os jovens, que tinham aprendido a viver com seus antepassados os ritmos da natureza, no interior dos códigos do mundo rural, de seu universo social e mental (p.3). Diante dessas discussões, Enzo nos indica que a obsessão memorial dos nossos dias é um produto do declínio da experiência transmitida num mundo que perdeu as suas referências, desfigurado pela violência e atomizado por um sistema social que apaga as tradições e fragmenta as existências. No segmento do pensamento de Travesso, concordamos sobre o papel do historiador, que consiste em tentar responder as causas, condições, estruturas e a dinâmica em conjunto.

Enzo ressalta que devemos levar em conta a influência da História sobre a memória. As recordações são constantemente elaboradas por uma memória inscrita no espaço público, submetida aos modos de pensar coletivos, mas também influenciadas pelos paradigmas especializados das representações do passado. Dessa forma, possibilita a História construir um discurso crítico, problematizando as armadilhas da memória. Enzo critica a ideia de que o historiador seja um juiz, ideia essa elaborada por Hegel - para ele, a tarefa do historiador não é julgar, mas compreender. Em concordância com Ginzburg, Travesso entende que o historiador produz a sua verdade através da pesquisa, mas essa não é imutável, é uma verdade parcial. O historiador, assim como o juiz, procura verdades, necessita de provas, fontes, mas a História é indissociável da interpretação, não se limitando a estabelecer fatos. Ele tenta colocá-los no seu contexto, formulando hipóteses, procurando suas causas e questionando-as.

Por fim, é nesse segmento que pretendemos elaborar ferramentas na construção do desenvolvimento do ensino e aquisição histórica que integram o ensino de História, dando per-

formance a um trabalho que venha contribuir para o campo historiográfico. Em síntese, as representações religiosas e sociais apontam o aspecto complexo do componente curricular e as perspectivas posturas dos grupos e setores, questionando o conceito de mudança na comunidade acadêmica, conforme o ensino e aprendizagem podem transfigurar as posturas para a sociedade em geral.

O presente trabalho nos movimentou a prosseguição do TCC apresentado na graduação, com ênfase nos temas que foram trabalhados e identificados, os assuntos publicados que se direcionam sobre as representações sociais e a relação da religiosidade, enquanto historiador. Sendo assim, esta pesquisa se torna pertinente no campo historiográfico, ampliando novos conhecimentos, fundamentado em alguns autores que trabalham nessa linha de pesquisa, como os conceitos de consciência histórica a partir de Jorn Rüsen, Luis Fernando Cerri e Agnes Heller; e memória, a partir de Jacy Alves Seixas e Enzo Travesso. A análise sobre a produção historiográfica desses autores nos permitirá refletir no campo da teoria da História, considerando as condições sociais de produção.

Entretanto, na investigação, é interessante utilizarmos instrumentos avaliativos, onde poderemos coletar dados para discutir os resultados obtidos através da entrevista oral com os discentes, sobre a consciência histórica. No seguimento da aplicação de questionários bem elaborados aos alunos, tivemos como objetivo planejar ações que possam contribuir ao curso vigente, garantindo maior participação da comunidade acadêmica nas ações propostas, e que estas possam viabilizar o que podemos agregar no curso de História. É proeminente idealizarmos perguntas que tenham influência entre a teoria e o diálogo dos estudantes para que consigamos decotificar os pontos positivos que mudam a vida dos mesmos ao ingressar no curso de História. Portanto, o trabalho é socialmente benéfico, proporcionando o desenvolvimento da aprendizagem e a consciência histórica dos graduandos do curso de História, buscando identificar comparativamente elementos que possam contribuir para o campo de estudo, tendo em vista o fácil acesso às fontes supracitadas e potencialidades curriculares.

O referente trabalho apresenta originalidade, mostra características que buscam discorrer sobre novas metodologias, inovando a teoria da História, colocando-a em constante mudança de valores, os quais exigem uma reconstrução contínua, que nos leva ao aprendizado de uma nova experiência. Portanto, o presente estudo fomenta a busca de um conhecimento bastante desafiador, que pode aprimorar as relações entre o conhecimento histórico, memória e as representações religiosas e sociais, adequando-as às práticas sociais. Enfim, espera-se que a presente pesquisa abra portas para um vasto conteúdo acerca da temática exposta, contribuindo para novos estudos que venham a ser construídos futuramente, bebendo a água que jorra da presente fonte.

Em Análise as concepções dos acadêmicos do curso de História do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros acerca da compreensão do ensino e do que estes entendem por consciência histórica religiosa, bem como da relação que os alunos estabelecem entre História e experiências religiosas na formação do historiador, no intuito de perceber os níveis de consciência histórica entre discentes do primeiro e último período do curso de História da UFPI-Picos.

Interpretar as construções mentais sobre o modo de pensar desses graduandos, fazendo um levantamento, a fim de identificar e analisar comparativamente dados documentais, questões sobre a formação de sentido histórico, por meio das respostas dadas pelos estudantes do curso às perguntas que estarão relacionadas à consciência histórica, com ênfase às representações religiosas e sociais na explicação histórica, como este conceito pode ser modificado na comunidade acadêmica, e os aspectos pertinentes nessa composição. Ampliar a investigação com a ferramenta teórica referenciada, planejamento nas perguntas a serem elaboradas e direcionadas ao problema.

Para fundamentar a construção dos conceitos, utilizaremos como aporte teórico a obra de Luis Fernando Cerri. De acordo com o autor, para compreender satisfatoriamente a consciência histórica é necessário pensar nos modos de representação que dão ao passado a forma distinta de história.

A abordagem sobre o tempo é irrenunciável na discussão proposta, e implica um diálogo não apenas com a didática da história, também com a filosofia da história. A didática, tomada com base nos estudos de Rusen (2007) e Bergmann (1990), constitui parte indissociável da teoria da história. A didática da história estuda não apenas a realidade escolar, também os processos e funções da consciência histórica elaborados pelos sujeitos a partir de orientações formais e escolares, bem como informais e extraescolares. A teoria da história e didática convergiam quanto às operações e aos processos existenciais da consciência histórica, sendo elaboradas, porém, de maneira distintas. Para Klaus Bergmann, as pesquisas orientadas desse campo devem incluir, entre os objetos que possuem seus efeitos para a formação histórica, estão a televisão, o cinema, a imprensa, as conversas cotidianas, os museus, a literatura histórica, as propagandas históricas, as representações científicas e populares sobre o passado, os livros didáticos, os monumentos, os edifícios e nomes de ruas que lembram eventos históricos, entre outros. (CERRI, 2018, p. 17).

De acordo com o trecho acima, observamos que falar de consciência história está intimamente ligado à filosofia, na idealização dos processos de formação. Na fala do autor Klaus Bergmann, é interessante a colocação que o mesmo faz sobre as representações na estruturação histórica. No tocante a fazer um alicerce mediante os recursos dados com o ofício de historiador, nos remetemos muitas vezes a um diálogo complexo, fazendo o documento “falar” e respondendo a algo que perguntamos, na maior parte das vezes. Para Miranda, a expressão constitui um ato formativo fundamental, que não poderia ser desprezado no momento que enveredar pelos caminhos e descaminhos da pesquisa educacional (MIRANDA, 2003, p. 31).

No entanto, é necessário reconhecer que esses caminhos, muitas vezes não trilhados pelo historiador, possuem uma densidade e uma riqueza absolutamente peculiar, impossível de ser transposta se a pesquisa pautar-se, do ponto de vista teórico e metodológico, exclusivamente por aquilo que caracteriza formação na área de referência.

Para a autora Schimdt (março, 28,2016), a formação da consciência histórica e a vida prática está ligada aos determinados acontecimentos diários, como por exemplo as manifestações de rua, onde os sujeitos saem a reivindicar seus direitos básicos. Portanto, são esses posicionamentos de organização que vão dando forma a essa consciência. Rüsen mostra esse conceito de uma práxis, ou seja, uma vida prática (ativa) à consciência de que somos agentes históricos, que a História não acontece à parte dos sujeitos. De acordo com Cerri (2001), a consciência histórica é a percepção da historicidade de si mesmo, ou seja, é a construção da sua própria história, que delibera em suas ações algo que será narrado para outrem quando não estiver presente. Nesse sentido, ressaltamos que essa composição se configura em fases, que vão criando aspectos de convivência e legitimando a origem do universo em que o grupo é identificado à humanidade, até o momento em que se toma consciência de que a humanidade transcende o mundo histórico. Conforme a leitura de Cerri Fernando², algo que nos chama atenção é a forma da escrita, aspectos de uma discussão, partindo do pressuposto de alguma coisa que já existiu, dando ferramentas a um trabalho que podemos desenvolver, tendo em vista um olhar diferente. A teoria do objeto, que ao descrever, temos a forma de legitimar.

Destaca-se que nesse ponto o autor passa a tratar da especialidade acadêmica, e não mais do “homem moderno” ou das subversões espirituais de sua época. Com o “senso histórico”, o pesquisador torna-se capaz de olhar outros tempos -e, inferimos, outras culturas- sem prender-se aos preconceitos e limitações da sua origem cultural e histórica, mas novamente estamos diante da idéia de que, para ter acesso a essa forma de conhecer, é preciso ter passado por uma preparação, e nesse caso não se trata de uma vivência coletiva de um processo histórico (a modernização), mas de uma preparação profissional específica para a pesquisa e a produção de conhecimentos nas Ciências Humanas (CERRI, 2001, p. 5-6).

Para Cerri, “mobilizar a própria consciência histórica, não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenha-se controle: a transformação, através do presente, do que está por vir no que já foi vivido, continuamente” (Cerri,2001, p.6) Embora seja teoricamente imaginável estar na corrente temporal sem atribuir sentido a ela, não é possível agir no mundo sem essa atribuição de sentido; como deixar de agir também parte de uma interpretação, na prática também não há opção de atribuir ou não significado ao tempo que passamos ou que passa por nós. Para Rüsen, “o homem tem que agir intencionalmente, e só pode agir no mundo se interpretá-lo e a si mesmo de acordo com as intenções de sua ação e de sua paixão; agir (incluindo deixar-se estar e ser objeto da ação de outrem)”(Cerri, 2001, p. 7).

Em análise ao trecho acima, podemos observar que a combinação entre o sentir e o agir parte de uma síntese de comportamento do tempo presente e passado, que pode atribuir no entendimento de suas ações, ou seja, interpretar a si mesmo. Portanto, para Rüsen (2001), a base do pensamento histórico, antes de ser cultural ou opcional, é natural: nascimento, vida, morte, juventude, velhice, são as balizas que oferecem aos seres humanos a noção do tempo e de sua passagem.

A Multiplicidade de papéis ou representações disponíveis a respeito dos deveres práticos e intelectuais do professor de História pode ser causadora de conflitos identitários dos desequilíbrios no processo de atribuição de sentido e significado à sua vida ao seu tempo, principalmente em termos instáveis, quando a troca contínua de identidades parece ser a atitude mais óbvia e segura (BAUMAN, 2005).

Observamos nessas entrelinhas que as variações atribuídas à prática do docente em História são, na verdade, revolucionárias, ou seja, causam a mobilização de um discurso na formação de sentido e orientação no tempo e espaço. Portanto, essa construção de identidades é necessária para uma conexão mútua no processo atributivo. seguindo a mesma linha de Schmidt (2016), em sua obra *Aprendizagem e formação da consciência histórica*, Barton e Levstik (2004) fizeram análise da significância da História dos EUA, baseando-se no estudo das percepções de um grupo de alunos de 11 e 17 anos (6º e 9º anos). O objetivo era verificar como os discentes avaliavam o significado da História do seu país e como usam esse conhecimento do passado para criar uma identidade coletiva.

Para isso, foi realizada uma série de entrevistas em pequenos grupos do mesmo sexo, nos quais apresentaram uma série de 20 fotografias sobre acontecimentos históricos diversos. Depois de um tempo para reflexão, incitaram os alunos a analisar as oito imagens que consideravam mais representativas e as quais definiam melhor sua visão do passado, para depois colocá-las numa linha de tempo cronológica. Depois da transcrição e catalogação das respostas por temas, os pesquisadores advertiram que as fotografias mais representativas para os alunos eram aquelas ligadas à origem e desenvolvimento dos Estados Unidos como entidade política e social.

No final da pesquisa, concluiu-se que há grande influência do meio sociofamiliar e cultural, o que pode entrar em contradição com a História escolarizada, provocando uma falta de compreensão e uma aprendizagem parcial e pouco significativa. (Schmidt Maria; Urban Claudia, abr/jun-2016).

A intenção da pesquisa pretende compreender as narrativas históricas como a noção de historicidade e religiosidade, as quais podem se transformar no decorrer do curso de História, com o objetivo de discutir e veicular os questionários coletados das respostas dadas pelos discentes sobre a consciência histórica; Reiteramos, nesse breve esboço aqui apresentado, que o trabalho é de grande relevância para a bibliografia historiográfica, na perspectiva de analisar as fontes, a fundamentação teórica, a metodologia e os dados que poderão ser obtidos para a elaboração dos instrumentos de avaliação, bem como organização dos documentos que conduzam a arquitetura de uma magnífica pesquisa.

A investigação busca identificar as construções mentais mediante as relações que os alunos estabelecem entre História e experiências religiosas, sobre a forma que o conceito de consciên-

cia histórica pode agregar em sua realidade por meio do ensino, com indicativos das visões de mundo entre os discentes. A proposta do estudo em análise pretende planejar estratégias de divulgação, junto à comunidade acadêmica, visando garantir a participação maciça de todos os respondentes convocados, ingressos e egressos do curso de História, nesse ciclo avaliativo;

Portanto, a pesquisa a ser estudada mostra fatores que podem ser lapidados com idealizações enriquecedoras relacionadas ao ensino, à memória, à consciência histórica e à representação religiosa e social, que de início se faz oportuno, como uma árvore com ramificações que vão dando vida independente a seus galhos, o que qualifica a base como estrutura e suporte para um excelente trabalho. Por fim, o presente estudo, com uma lacuna entreaberta, deixa um espaço para novas discussões que aperfeiçoam a pesquisa investigada, expondo características com aspectos envoltos que descrevam formas influenciadas na elaboração da linha de pesquisa a concretizar, de forma minuciosa, o trabalho em análise.

Em síntese, o intuito da pesquisa é decodificar, por meio das respostas coletadas dos questionários a serem realizados, as discussões referentes à consciência histórica e às representações religiosas e sociais que podem influenciar no curso de História da UFPI-PICOS. Dessa forma, a sub-hipótese é ampliar esses argumentos mediante a historiografia baseada no aporte teórico de Fernando Cerri e os autores mencionados anteriormente, sobre o aspecto da consciência histórica e como esta pode se perpetuar na realidade da comunidade acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória nunca examinada, a qual consiste em sondar estatísticas aplicadas às ciências humanas, através de bancos de dados, visando a elaboração de uma obra mediante as respostas dadas pelos estudantes por meio de entrevistas semiestruturadas, formulário de questionário, por pauta livre e informal. A metodologia está embasada na pesquisa bibliográfica e análise dos planos de ensino (ementa do curso), em caráter complementar, entrevista oral, contribuição conceitual através dos autores e assuntos sobre os conceitos de consciência histórica a partir de Jorn Rüsen, Luis Fernando Cerri e Agnes Heller e memória, tendo como referências as obras de Jacy Alves Seixas e Enzo Travesso.

O processo de planejamento da pesquisa tem por finalidade, por meio de métodos e técnicas, definir perguntas relacionadas ao problema apresentado com um cronograma para a elaboração de um relatório mediante os dados obtidos pelos questionários respondidos pelos estudantes do curso de História para o desenrolar da pesquisa em estudo, abrindo caminhos para um discurso referente à consciência histórica, memória e às representações religiosas e sociais, a partir de qual aspecto os respectivos discentes poderão influenciar no curso de História, bem como analisar de que forma podemos desmistificar tais conceitos supostos ao curso corrente.

Os mecanismos que apresentam os processos de produção enquanto saber científico permitem a identificação e análise das disciplinas ditas de conteúdo, dos modelos teóricos sobre os quais esses materiais foram organizados. No entanto, o processo de formação deve atentar-se às metodologias criadas dentro do ensino, ligadas às técnicas de pesquisa, leitura, interpretação e produção de textos históricos. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa partem,

inicialmente, da revisão bibliográfica a respeito do tema: *Consciência Histórica dos Acadêmicos no Curso de História da UFPI/CSHNB-PICOS Acerca das Percepções Históricas e Representações Religiosas e Sociais*. Portanto, o desenvolvimento da pesquisa e levantamento de dados se dão na medida dos resultados coletados da entrevista com os graduandos e os questionários semiestruturados são aplicados, mediante a delimitação do tema apresentado, dialogando com os autores acima mencionados, com o objetivo de discutir as ações que devem ser implementadas, no intuito de beneficiar o processo de formação dos acadêmicos.

A presente pesquisa se propõe a trabalhar com História Oral como referenciada, mediante o material bibliográfico situado na UFPI-PICOS, como ponto de partida para a construção do trabalho científico, produzindo argumentos com base nos autores apresentados, focalizando no conceito de consciência histórica, bem como as percepções dos discentes sobre as representações religiosas na perspectiva histórica.

Por conseguinte poderemos, nessa construção, dado o recorte temporal do estudo, distribuir os indicativos relatados, de acordo com sua relevância numérica, com as respostas mais expressivas. É importante frisar que o referido estudo deseja fomentar aos educandos em formação a intenção de despertar esse novo olhar na construção do processo educativo, e como as relações históricas e sociais podem influenciar em suas escolhas. A partir de tal escolha, levantamos o questionamento sobre como estes lidam no tempo presente e como podem pensar em seu tempo futuro?. Baseando no aporte teórico de Fernando Cerri sobre a abordagem da pesquisa, percebemos que poderemos ter resultados significativos e de grande relevância para o curso de História, onde esses estudantes terão a oportunidade não só de responderem às perguntas através do questionário, mas também de dar sugestões por meio de suas falas.

Enfim, dos apontamentos aqui trabalhados nasce a raiz da pesquisa, voltada à consciência histórica e às percepções dos discentes, formando uma ferramenta de trabalho a ser analisada minuciosamente, de modo que reiteramos essa problemática a ter uma desenvoltura benéfica e objetiva no campo institucional, elencada a tratar o diálogo entre a teoria e a realidade dos estudantes, bem como estes podem pespectivar seu futuro.

REFERÊNCIAS

CERRI, F.; HELLER, A. “Os conceitos de Consciência Histórica e os Desafios da Didática da História. **Revista de história Regional**, v. 6, n. 2, p. 93-112, jan. 2001.

CERRI, L. F. **Os jovens e a História**: Brasil e América do Sul. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018.

CERRI, L. F.. Tipos de geração de sentido histórico-um ensaio com dados quantitativos. *In.*: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; URBAN, A. C. (org) **passados possíveis**: a educação histórica em debate. Unijui: EdUnijui, 2014. p.179-194

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *In.*: **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p.155-176.

ELZA, N. **O ensino de história no Brasil: Trajetória e Perspectiva**. Murilo Mendes. São paulo: Gráfica Paulista, 1935.

FIGUEIREDO, A. P. **Realidade, poder, ilusão: um estudo sobre a legalização do ensino religioso nas escolas e suas relações conflitivas como disciplina “sui generis”, no interior do sistema público de ensino**. 1999. 266f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

HELLER, A. **Uma teoria da História**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.1993

MIRANDA, S.R. **Sob o signo da Memória: O conhecimento histórico dos professores, das séries iniciais**. 2004. 225f. Tese (Doutorado em educação) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

PAÍS, J. M. **Consciência Histórica e Identidade**. Oeiras: Celta, 1999.

PASSOS, J. D. **Ensino Religioso: Construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007.
PROJETO POLITICO-PEDAGOGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI-CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS-COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA. Abril, 2007.

RÜSEN, J. **Cultura faz sentido: Orientações entre o ontem e o amanhã**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

RÜSEN, J. **Razão histórica: Fundamentos da Ciência histórica**. Brasília:UNB, 2001.

SCHIMDT, M. A. Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática. **Revista histórica Hoje**. v. 5, n. 9, p.31-48. 2016a

SCHMIDT, M. A. Aprendizagem e Formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 60, p. 17-42, abr/jun., 2016.

TRAVESSO, E. O passado, modos de usar. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012. 196 p.